

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO



Atena
Editora
Ano 2021

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A produção do conhecimento nas ciências da comunicação

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 A produção do conhecimento nas ciências da comunicação /
Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-741-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.410212012>

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da
(Organizador). II. Título.

CDD 153.6

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O campo da comunicação tem se consolidado na produção de conhecimento por meio de monografias, dissertações e teses em cursos de graduação, especialização e programas de Mestrado e Doutorado, mas, também, da realização de relevantes eventos regionais, nacionais e internacionais, de publicações em revistas científicas qualificadas e debates acerca de temáticas transversais que se enleiam aos processos comunicacionais contemporâneos, evidenciando relações inerentes entre passado, presente e futuro.

A Comunicação constitui-se de diversas áreas do saber que se entrecruzam e emolduram, por meio da especificidade de objetos empíricos e objetos teóricos, metodológicos e epistemológicos, produzindo investigações que tratam da sociedade, organizações, tecnologias, atores sociais etc. Pesquisas de importância internacional que devem atentar para a necessidade do impacto social, promovendo ações, propostas e produtos que interfiram na realidade de pessoas, comunidades, países, organizações e sociedades.

O mundo atual caracteriza-se pela confusão social, colapso da ética e da integridade, busca frenética do poder e de se apoderar da consciência do Outro por meio de narrativas e práticas de desinformação assim como pelo erigir do “ministério da verdade” que condiciona a verdade a “quem fala” e “de onde fala”, da “novilingua”, “novafala” ou “novidioma” que oprime o pensar e falar livres, abertos e do “duplipensar”, a aceitação simultânea de duas crenças mutuamente contraditórias como corretas, tal como profetizou George Orwell, em 1949, pensar, problematizar e analisar o lugar da comunicação nesse ambiente torna-se fulcral para as democracias, haja vista que ela, a comunicação, só prospera em lugares com abertura para a circulação de informação e de irrestrita liberdade de expressão, conforme os ditames da Constituição.

Nesse sentido, esta obra viceja, por meio da participação de pesquisadores do Brasil e de outras nações, múltiplas expectativas, desafios e oportunidades para a comunicação em um tempo de emergentes formas de ver, estar e sentir o mundo que ressignificam a existência, redefinem profissões e produzem emergentes modos de interação, troca e socialidade.

Queremos que o conhecimento aqui materializado, não sirva, de acordo com Hayek (2019, p.49), para moldar resultados como um artífice faz com sua obra, mas, ao contrário, para “cultivar um crescimento ao oferecer um ambiente favorável, aos moldes do jardineiro com as plantas”.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

HAYEK, F. A. **A pretensão do conhecimento**. São Paulo: LVM Editora, 2019.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A “ECONOMIA DA SAUDADE” E O ENCONTRO DE GERAÇÕES NA REDE DIGITAL FACEBOOK: ANÁLISE DA FANPAGE “CAMPINAS DE ANTIGAMENTE”

Marcelo Toledo Andriotti


Marcelo Pereira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120121>

CAPÍTULO 2..... 11

CULTURA ORGANIZACIONAL E CULTURAS NAS ORGANIZAÇÕES SOB UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Juliane do Rocio Juski


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120122>

CAPÍTULO 3..... 23

COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: UMA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DA AÇÃO POLÍTICA DO JORNALISMO

Claudia Miranda Rodrigues

Leonel Azevedo de Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120123>

CAPÍTULO 4..... 35

AS TEMPESTADES DO PASSADO, VIAGENS DO PRESENTE


Georgina Rodríguez Herrera

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120124>

CAPÍTULO 5..... 46

A COMUNICAÇÃO E O CONSUMO DAS ARTES CÊNICAS NA PÓS-MODERNIDADE


Suelen Gotardo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120125>

CAPÍTULO 6..... 59

APRENDIZAJE E INVESTIGACIÓN. LAS SINERGIAS DETRÁS DE LA PRIMERA PRODUCCIÓN DOCUMENTAL DE LA UNIVERSIDAD DE MURCIA PREMIADA EN HOLLYWOOD


Alfonso Burgos Risco







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120126>

CAPÍTULO 7..... 75


AS CONTRIBUIÇÕES DE GERD BAUMANN (2010) PARA O DEBATE MULTICULTURALISTA

João Renato de Souza Coelho Benazzi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120127>

CAPÍTULO 8	89
LITERACIA EM SAÚDE E LITERACIA DE MÍDIA: UM OLHAR SOBRE OS CONCEITOS E AS PRÁTICAS	
Adinan Nogueira	
Letícia Magalhães Pereira	
Maria Izabel Ferezin Sares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120128	
CAPÍTULO 9	95
MANIFESTACIÓN EN REDES SOCIALES DE JÓVENES COSPLAYERS EN EL JUEGO DE “SER OTRA”, EL CROSSPLAY MASCULINO (M&F)	
María de la Luz Nalleli Martínez Hernández	
Sandra Flores Guevara	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4102120129	
CAPÍTULO 10	106
MODELO DE NEGÓCIO E GESTÃO PARA UM AMBIENTE VIRTUAL DE NOTÍCIAS COLABORATIVO (AVNC)	
Daniele Fernandes Rodrigues	
Luiz Renato de Souza Justiniano	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201210	
CAPÍTULO 11	122
ACESSO E CONSUMO DE NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS EM REDES SOCIAIS: NOTAS METODOLÓGICAS PARA A PROBLEMATIZAÇÃO DA NOÇÃO DE “PARTICIPAÇÃO”	
Telma Sueli Pinto Johnson	
Pedro Augusto Farnese de Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201211	
CAPÍTULO 12	135
IMPLEMENTAÇÃO DE SEIS SIGMA EM UMA PADARIA NO MÉXICO	
Brenda Carolina Pérez Millán	
Erasto Vergara Hernández	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201212	
CAPÍTULO 13	143
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO JORNAL CEARENSE O POVO	
Francielle Souza Nonato	
Isabella Vieira Santos	
Pedro Gabriel Barreto Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201213	
CAPÍTULO 14	155
MULHERES: ALVOS DA SOCIEDADE	
Caio Vitor Silva da Costa	

Nathalia Rank de Freitas
Amarinildo Osório de Souza
Maria Lúcia Tinoco Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201214>

CAPÍTULO 15..... 163

JOGO DE CHANTAGENS: REFLEXÃO SOBRE O CAMPO POLÍTICO BRASILEIRO E AS NOVAS FORMAS DE DISSUAÇÃO POLÍTICA A PARTIR DA CIBERCULTURA

Deusiney Robson de Araújo Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201215>

CAPÍTULO 16..... 173

ZYL – 3 RÁDIO CLUBE DE GARÇA

Luciana Antunes

Andréa Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201216>

CAPÍTULO 17..... 183

DIREITO À INFORMAÇÃO OU À INTIMIDADE: A PALAVRA FINAL COM A JUSTIÇA


Sílvio Henrique Vieira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201217>

CAPÍTULO 18..... 193

WEBDOC: A NARRATIVA INTERATIVA DO DOCUMENTÁRIO

Sílvio Henrique Vieira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201218>

CAPÍTULO 19..... 205

DOCUGAME: A GAMIFICAÇÃO DO WEBDOC VALE DO RIO DE LAMA

Sílvio Henrique Vieira Barbosa

João Carlos Massarolo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201219>

CAPÍTULO 20..... 216

MDOOH E O IMPACTO NO PÚBLICO NAS RELAÇÕES DE INTERAÇÃO, CONTEÚDO E AUDIÊNCIA

Leandro Rolim

Félix Ortega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201220>


CAPÍTULO 21..... 227

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DAS PLATAFORMAS ONLINE DE RESTAURANTES MICHELIN NO BRASIL

Tiago Eugenio de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201221>

CAPÍTULO 22	239
UMA HISTÓRIA CULTURAL DA PUBLICIDADE: PRIMEIROS MOVIMENTOS DO CAMPO NO BRASIL	
Bruna Aucar Everardo Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201222	
CAPÍTULO 23	252
GRAVIDEZ FITNESS E DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A BOA FORMA	
Fabiola Calazans Angélica Fonsêca de Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201223	
CAPÍTULO 24	270
PRÉ-HISTÓRIA DO CD E DA DIGITALIZAÇÃO E DESMATERIALIZAÇÃO DO ÁUDIO NAS PÁGINAS DA REVISTA SOMTRÊS	
Luis Fernando Rabello Borges	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201224	
CAPÍTULO 25	283
HUMANO OU INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL? AUTORIA DE NOTÍCIAS SÃO QUESTIONADAS EM QUIZZES RELACIONADOS AOS CONCEITOS DE AGÊNCIA PESSOAL E INTERAÇÃO	
Luciane Maria Fadel Maria José Baldessar Regina Zandomênico	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201225	
CAPÍTULO 26	295
REALIDADE VIRTUAL E REALIDADE AUMENTADA: INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO CAMPO DA MÚSICA	
Denise Mendes de Souza Gonçalves Marco José de Souza Almeida Ezidras Farinazzo Lacerda Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201226	
CAPÍTULO 27	306
STORYTELLING HIPERCONECTADO: INTERNET DAS COISAS E NARRATIVA TRANSMÍDIA	
Adinan Nogueira Letícia Magalhães Pereira Maria Izabel Ferezin Sares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201227	

CAPÍTULO 28.....	315
A LITERATURA EM CAMPANHA PELA PUBLICIDADE	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41021201228	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	328
ÍNDICE REMISSIVO.....	329

CAPÍTULO 23

GRAVIDEZ FITNESS E DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A BOA FORMA

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 08/08/2021

Fabiola Calazans

PPG-FAC/UnB, DF

Professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Audiovisual e Publicidade, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília. Pesquisadora do Centro de Estudos sobre Tecnologias, Afetos e Subjetividades (CETAS) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília
<http://lattes.cnpq.br/8248317960549628>

Angélica Fonsêca de Freitas

PPGCOM/UFF, RJ

Pesquisadora do Centro de Estudos sobre Tecnologias, Afetos e Subjetividades (CETAS) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília, Imagem e Som
<http://lattes.cnpq.br/7502890940192840>

O presente artigo foi previamente apresentado no Congresso IBERCOM, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017, com o título “BARRIGA CHAPADA NA GRAVIDEZ: discursos e subjetividades no contexto da boa forma”.

RESUMO: Analisam-se discursos contemporâneos relacionados à subjetividade da mulher e à constituição do corpo grávido a fim de investigar os sentidos de adequação, diversidade e tolerância associados ao modelo corpóreo de boa forma na gestação. Sob a perspectiva genealógica e discursiva de Foucault (1987), verificou-se a proeminência de discursos sobre a boa forma do corpo grávido, que demarcam deslocamentos de sentidos e resistências, bem como desvelam a emergência de certas “verdades” dispostas em imagens sobre a gestação fitness.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Corpo. Subjetividades.

PREGNANCY FITNESS AND CONTEMPORARY DISCOURSES ABOUT FITNESS

ABSTRACT: Contemporary discourses related to the subjectivity of women and the constitution of the pregnant body are analyzed in order to investigate the meanings of adequacy, diversity and tolerance associated with the bodily model of good shape during pregnancy. From the genealogical and discursive perspective of Foucault (1987), the prominence of discourses about the good shape of the pregnant body was verified, which demarcate displacements of meanings and resistances, as well as reveal the emergence of certain “truths” arranged in images about the fitness pregnancy.

KEYWORDS: Communication. Body. Subjectivities.

Na mulher tudo é enigma e tudo tem uma só solução: chama-se gravidez. (Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*)

1 | INTRODUÇÃO

Uma fotografia de Gabriela Zugliani despertou a “curiosidade” entre internautas. A *selfie*, realizada no espelho de um elevador, mostra uma mulher, com roupas de ginástica, em estágio avançado de gravidez. Na imagem, entretanto, algo “inusitado”: a barriga da grávida Gabriela está cheia de “gominhos” de um abdômen “definido”. Digno de matéria em sites de “celebridades”, Gabriela declara: “não sou um ET, isso é resultado de toda a minha história”.¹ O corpo que desperta estranhamento é alvo de admiração de seus fãs que acompanham as imagens diárias compartilhadas em seus perfis de mídias sociais. Relatos diários que em sua maioria estão ornados com roupas utilizadas para “malhar” na academia e que contrastam com a própria transformação - cada vez “menos musculosa” para, então, tornar-se mais “seca com mais qualidade muscular”².

Gabriela, como também outras diversas musas *fitness*, atletas ou modelos do setor que ganham status de especialistas e *digital influencers* devido aos seus corpos esculpidos, e têm em suas práticas bioascéticas o motivo principal de sua visibilidade, em especial, durante a gravidez. Práticas ascéticas que, diferentemente de outros momentos históricos, como a Antiguidade, não visam a nenhuma transcendência espiritual, evolução da alma ou bem coletivo. Ao contrário, são práticas e técnicas de si que visam sobretudo um “aperfeiçoamento” físico, a partir de um “eu” individualizado, seguindo – como afirma Ortega (2008) – uma certa moralidade da saúde (*healthism*). Isso significa que, no regime atual de visibilidade o corpo não é personagem coadjuvante. Aliás, o corpo (e um tipo bem próprio de corporeidade) assume protagonismo nos discursos e nas imagens acerca do sujeito, nos atributos para os bem-sucedidos empresários de si mesmos, bem como na configuração das novas práticas do sujeito, balizadas pelo conceito de boa forma. O corpo *fitness* que “agrega” em torno de certas mulheres adjetivos como “musas” e “cêlebres” grávidas, assim como, o caso de Gabriela Zugliani.

O corpo contemporâneo é uma espécie de valor moral presente na vida do indivíduo. O conceito de boa forma o define como magro, esculpido, sem marcas (FONSECA, 2017), engendrado pelos discursos midiáticos e empresariais. Na modernidade, esta fase da vida permitia certa adiposidade e ganho de peso, mas hoje se observam imagens associadas a expressões como “barriga chapada na gravidez” e “grávidas saradas”. Diante das imagens, percebem-se deslocamentos das subjetividades contemporâneas, que suspendem novas relações de poder quanto ao corpo grávido e permitem refletir sobre a os sentidos de diversidade e tolerância relacionados a esse modelo corpóreo percebido como “adequado”.

1 Matéria que reproduz a declaração de Zugliani. Disponível em <<http://glo.bo/2kV6SAI>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

2 Publicação de “antes e depois” de Zugliani. Disponível em <<http://bit.ly/2kQtL8X>>. Acesso em 10 jan. de 2017.

Além disso, esta pesquisa é relevante por propor a análise de um fenômeno atual, investigando novos sentidos de adequação do corpo feminino, bem como diversidades e tolerâncias quanto aos corpos “fora do padrão”,

A fim de investigar os sentidos dos discursos da boa forma na constituição do corpo grávido e da subjetividade da mulher contemporânea, elegeram-se como *corpus* analítico programas televisivos, notícias, *digital influencers* relacionados à temática, tais como “Câmera Record – Grávidas Saradas” e o programa “SuperBonita” edição Grávidas exibido no canal GNT, e empresas como a Birthfit. Sob a perspectiva genealógica e discursiva de Foucault (1987), entendem-se os objetos de análise como fluidos, compreendendo o solo e as condições de possibilidade que permitiram a emergência de certas “verdades”. As obras de Michel Foucault (1987), Paula Sibilia (2006) e Deborah Lupton (1999) são fundamentais para compreender as cristalizações de sentido sobre a boa forma na gravidez. De modo a investigar os deslocamentos no âmbito da cultura no que diz respeito às performances corporais e aos sentidos de felicidade, recorrem-se às problematizações de Alain Ehrenberg (2010) e João Freire Filho (2010).

21 PERSPECTIVA GENEALÓGICA E COMO PENSAR AS IMAGENS DO PRESENTE

A partir do breve quadro imagético apresentado na introdução, observa-se a série de valores sociais que perpassam a imagem do corpo feminino, permeável ao olhar de uma sociedade que define sentidos por seus contornos e narrativas. Mais do que corresponder a simples insegurança das mulheres, tal imagem materializa discursos das mais variadas ordens: midiáticos, científicos, comerciais, pedagógicos, para citar alguns deles. Por que ter um corpo perfeito tem-se tornado, na atualidade, algo tão central? E o que, entretanto, seria um corpo perfeito? Que lugar a boa forma ocupa na sociedade contemporânea e, sobretudo, como essa boa forma pauta e modifica as noções de corpo grávido? Quais as relações entre os discursos acerca da boa forma e os novos dispositivos tecnológicos, os novos modos de nos comunicar?

Como desdobra Michel Foucault (1979, 1988), em sua análise genealógica, a alteridade dos discursos precisa ser pensada a partir de uma tessitura abrangente, identificando como eles se exercem e de que maneira seus mecanismos são entrelaçados a outras estruturas, a fim de engendrará-los em modos de saber e ser. A produção dos sentidos emerge da intencionalidade de práticas e estratégias, configurando uma história descontínua e de cortes epistemológicos que nos permitem interrogar a história, as forças interessadas e as relações de poder que estão em constante luta. Dessa maneira, a genealogia problematiza a maneira como se exercem essas lutas, por meio de quais mecanismos elas se processam, entendendo que os sentidos e os valores “vencedores” são aqueles que estão cristalizados em nossas crenças, corpos e modos de vida.

Diante disso, a perspectiva genealógica mostra-se potente para este trabalho, por possibilitar a construção de solos de problematização e a percepção da emergência de objetos - especialmente aqueles em processo de transformação, como os discursos associados à boa forma - assim como a percepção dos desmoronamentos e direção das questões culturais materializados por imagens contemporâneas. Nesse exercício de analisar condições de emergência de sentidos, privilegia-se o mapeamento de determinadas mudanças em curso que, a partir de um entrelaçamento de certos deslocamentos e estranhamentos, detectados e analisados, tendem a ressaltar certas descontinuidades e rupturas sobre o presente.

No primeiro trimestre da gestação de Isabella, a revista *Crescer* publicou a notícia “Bella Falconi – Grávida? Nem parece”,³ reproduzindo a fotografia da modelo na academia de ginástica, em que exibia o abdômen definido sem sinais aparentes da gravidez. Na matéria, aparece a declaração da grávida, publicada anteriormente em seu perfil ao imaginar a filha reclamando da falta de espaço para crescer dentro de sua barriga “chapada”: “A Vicky, numa hora dessas: “tá f*** para me esticar aqui dentro, mamãe”. Será?”.⁴ Em uma nova publicação, após o parto, agora em seu Instagram, a empresária publicou um “antes e depois”, destacando, a barriga de um dia antes do parto, comparada com outra imagem três dias após o parto com a filha nos braços. No texto, Falconi destaca “Minha recuperação está sendo incrível”, evidenciando que atribui esse “sucesso” à rotina saudável durante toda a gravidez, ao parto normal e à equipe clínica multidisciplinar que a acompanhou. E motiva as demais mães enfatizando que “Não importa quantos “efeitos colaterais” a gravidez tenha, ser mãe é uma dádiva e passaria por tudo de novo sem pensar duas vezes. Obrigada Deus!”.⁵ Entre o tom às vezes irônico da mãe, os elogios publicados em admiração pela boa forma das grávidas *fitness*, os discursos médicos e científicos presentes nas publicações e os questionamentos críticos, parece ir, aos poucos, se assentando uma narrativa generalizada, que acaba por incluir o corpo grávido no âmbito da lipofobia – medo da gordura.⁶ Justificam-se, assim, medidas, às vezes drásticas, para a manutenção de uma boa forma durante os nove meses de gravidez e depois deles - como a abdominoplastia, feita junto com o parto cesáreo, que é alvo de especulação e debates em fóruns de gestações. Em um fórum para o qual os pacientes enviam perguntas que serão encaminhadas a um corpo clínico, uma usuária que não quis se identificar questiona: “Tenho 34 anos e estou tentando engravidar do meu terceiro filho, fiz duas *cesarias*, e tenho uma flacidez que me incomoda muito abaixo do umbigo, queria conciliar a *cesária* com a *mini-abdominoplastia* isso seria possível?”. Cinco médicos respondem e são categóricos ao afirmar que o risco de infecção e trombose é maior, e o resultado será inferior se

3 Notícia publicada na revista *Crescer*. Disponível em <<http://glo.bo/1eccC24>>. Acesso em 10 jul. 2016.

4 Publicação feita por Falconi. Disponível em <<http://glo.bo/1eccC24>>. Acesso em: 10 jan. 2016

5 Publicação disponível em <<http://glo.bo/1Pvuimd>>. Acesso em 13 jan. 2017.

6 De acordo com Sibilia (2010, p. 201), a lipofobia é um tipo de aversão relacionada ao “fantasma da gordura” em que o sujeito, tendo por base a moral, regula seu corpo e o dos demais controlando as condutas e os aspectos físicos.

comparado ao de uma cirurgia seis meses depois.⁷

Já em fóruns que são espaços para as trocas de experiência entre as gestantes, uma futura mãe divide seu desejo de realizar a operação estética junto ao parto e questiona “Vcs conhecem alguém que já fez durante a cesariana uma mini abdominal?”. Algumas internautas apesar de não conhecerem alguém que tenha feito, afirmam que consideram “perigoso”. Outras incentivam o procedimento e destacam “Isso aconteceu com uma amiga minha a terceira cesárea dela *tbm* e ela tinha *mta* pele e gordura a *medica* logo após retirar a *bebe* cortou praticamente 2 kg de pele foi tipo uma *mine* abdominoplastia ficou ótimo”. O resultado e o peso perdido instantaneamente se opõem às indicações médicas, evidenciando que imolações ao corpo grávido não são só limitadas à gestação, mas são práticas aceitáveis minutos após o parto.⁸

Na eterna busca pelo padrão corpóreo da boa forma, ainda que grávida, regula-se o apetite, vigia-se a boca e o corpo. Elemento de exclusão e inclusão social, a magreza é um dos indícios do corpo ótimo. Como resultado da busca desse modelo corpóreo, cada vez mais jovens, a mulheres têm aderido às técnicas moderadoras de apetite, redutoras de gordura e do estômago: todas a serviço da estética da magreza e afinadas aos cânones de uma bioética, cujo ideal de qualidade de vida põe, muitas vezes, em risco a saúde. Se comparado a tempos anteriores, nos quais valorizava-se a estética corpulenta e abastada da “Vênus de Milo”, na contemporaneidade, o corpo magro e modelado é sinal de sucesso, de felicidade e, acima de tudo, de que o sujeito que nele habita é um vencedor, aquele que conseguiu um corpo liso e enxuto⁹. No século XIX, por exemplo, o abdômen proeminente das damas burguesas representava abundância, fertilidade e, principalmente, o bem-estar da vida urbana burguesa, regada pelo ócio e pela alimentação. Hoje, um abdômen rotundo é sinônimo de comodismo, descuido com a aparência corporal, falta de vontade e baixa autoestima.

Na cultura contemporânea dominada pela competitividade e pela seletividade, cada vez mais os indivíduos são estimulados a viver uma cultura da performance, como analisou de forma precisa Alain Ehrenberg (2010) em seu livro “O culto da performance”. Segundo esse sociólogo francês, o espírito empresarial capitalista de sucesso constituiu uma mentalidade de massa impulsionada para o governo de si, para a autogestão e para a empresarização dos projetos de sujeito. Ao unir a eficácia à responsabilidade institucional,

7 Perguntas e respostas do fórum Estheticon. Disponível em <<http://bit.ly/2kJs4aX>>. Acesso em 8 out. 2016.

8 Discussões no fórum Baby Center Brasil. Disponível em <<http://bit.ly/2lsmntd>>. Acesso em 8 out. 2016.

9 Destaca-se como um dos principais estudos sobre a beleza, seus padrões e suas relações culturais, o livro “História da Beleza”, de Umberto Eco. Cf. ECO, Umberto. **História da Beleza**. São Paulo: Editora Record, 2004. A propósito da representação da “Vênus de Milo”, Paula Sibilia (2006, p. 57) mostra que, no século XIX, as mulheres magras demais recorriam ao uso do espartilho “Vênus de Milo”: “toda uma complexa estrutura que alargava os quadris e incluía até mesmo um par de seios de borracha animados por uma espécie de mola, que lhes concedia uma vitalidade mecanicista”. No século XX, os aparatos mecânicos ficaram logo obsoletos e, ao invés de uma formatação que ocultava o corpo, surgiram práticas modeladoras para tornar o organismo mais “saúdável, produtivo, ágil e dinâmico; enfim: moderno”, como resumiu Sibilia. Os corpos esguios e malhados dos camponeses, operários e trabalhadores das lavouras, que outrora foram desvalorizados, paulatinamente passaram a produzir uma conotação positiva de um corpo desejável, diante de uma sociedade que tem medo da obesidade e supervaloriza a magreza.

o modelo do espírito empresarial é compreendido como uma fórmula de sucesso para indivíduos superarem as dificuldades da sociedade concorrencial contemporânea e, assim, “otimizarem suas vidas”. Como mostra o autor, na cultura da performance, a visibilidade é assediada e o governo de si é sempre engendrado para o olhar do outro a fim de sempre constituir “uma boa imagem” face à eterna tentativa de buscar a felicidade (EHRENBERG, 2010, p. 135). Sob a perspectiva da performance, acertar no empreendimento do projeto de sujeito é um sinal de sucesso e felicidade individual.

Instada pela cultura da performance marcada pela lógica do mercado, a mulher contemporânea não poupa esforços para investir na “boa imagem” do corpo como forma de perseguir e exibir uma aparência ótima, aquiescida aos modelos dominantes de beleza corpórea. Na sociedade que cultua a performance ótima e feliz (CALAZANS, 2013, 2014), o padrão de beleza ideal do corpo que não está em período de gestação parece ser o mesmo exigido às mulheres grávidas. Afora as seguranças com a saúde durante a maternidade, várias mulheres não aprovam a forma rotunda do corpo grávido. No trecho a seguir do episódio “Grávidas” (13/08/12), do programa “Superbonita” do canal GNT, reproduz-se o diálogo inicial entre a então apresentadora Cláudia Leite (C) e Angélica (A), ambas gestantes¹⁰:

C: *Não é seu cabelo, seu corpo, sua forma física ou sua maquiagem. A coisa mais superbonita em uma mulher é ter um bebê na barriga. [...] Angélica, [...] você gosta de estar grávida? [...]*

A: [...] Na verdade assim... claro que seria um absurdo eu falar: “eu não gosto de estar grávida”. Eu quis ter que ficar [*sic*] grávida. *Mas assim, se sentir bonita e tal. Eu não consigo, eu não acho. Você está se sentindo linda?*

C: Então, eu não estou me sentindo como eu me senti mal na gravidez do Davi. Teve um dia que eu tava [*sic*] de costas no espelho na casa da minha mãe que era toda de espelho assim. Eu tomei banho, coloquei a toalha na cabeça e a toalha caiu.

A: Ah, meu Deus...

C: Sabe aquela coisa... sem querer eu vi o meu corpo assim de lado *era uma coisa tão feia* que eu falei: “*Meu Deus, eu sou um baiacu agora. Eu não vou voltar ao normal*” (GRÁVIDAS, 2012, grifos nossos).

Curiosamente, nesse mesmo trecho há um paradoxo. Primeiro, afirma-se que ser “superbonita” não se refere ao cabelo, ao corpo, à forma física ou à maquiagem, mas, sim, ter um bebê na barriga. Logo em seguida, fica clara a aversão à forma corpórea da grávida, pois ambas as grávidas não sentem ou não se acham belas e lindas com o corpo de gestante. Ou seja, mesmo grávida, o que importa é o corpo e a forma física sim,

10 O programa “Superbonita” foi criado pela jornalista e diretora do programa Sonia Biondo e pelo designer Jair de Souza. Com meia hora de duração e um tema diferente a cada semana, o programa ensina como a telespectadora deve cuidar do corpo, dos cabelos e do rosto, bem como se maquiar e resolver alguns assuntos de sua vida prática. São apresentadas informações sobre o uso de acessórios, corte e coloração de cabelo, depilação, além de novidades tecnológicas da indústria dos cosméticos.

caso contrário não se é ou se sente linda e bela. Até para as grávidas o padrão corpóreo é a magreza. O discurso autorizado do corpo magro mostra que mesmo os prazeres de estar grávida têm sido tolhidos pela ditadura do corpo perfeito. Nesse sentido, a exigência de voltar ao corpo “normal” tão logo o bebê saia do ventre é a maior preocupação das gestantes. O ressurgimento rápido do corpo magro e ótimo é a principal meta pós-parto.

Agora é a vez das *slim mommys*. A obsessão das grávidas pelo corpo magro é um dos problemas da contemporaneidade. O chamado *mommyrexia* (mistura de *mommy*, em inglês “mãe”, com anorexia) é o distúrbio alimentar que tem arduamente recompensado mães com o corpo fininho durante a gravidez. Não só a ameaça de anemia para mãe, esse distúrbio pode acarretar risco de desnutrição extrema para ambos, mãe e feto, podendo causar a morte, a malformação do bebê ou complicações no parto. Esse perigoso desprazer alimentar que promete o prazer de ser bela durante a gravidez tem sido reforçado pelos padrões de magreza e de felicidade midiáticos. As imagens-modelo de celebridades grávidas e magérrimas – como Bethenny Frankel, Rachel Zoe e Victoria Beckham – são valorizadas pelo corpo ótimo e em boa forma¹¹. Segundo Julio Bernardi (MOURA, 2011), obstetra e ginecologista, a obsessão pela magreza equivale aos casos de privação de comida e essa realidade estaria “quase no mesmo extremo de quem abusa de álcool ou drogas”. Mas, por que tanta privação e exposição ao risco quando se pode ser, de fato, saudável? Esse é o jogo de poder e de prazer, cujo discurso midiático do corpo ótimo, e sempre magro, não raro tem debilitado corpos e subjetividades.

3 | GRAVIDEZ FITNESS E BARRIGAS CHAPADAS?

Ter corpo magro e praticar exercícios físicos, ao longo de diversos séculos, não foram premissas para o corpo das mulheres. Entre os séculos XVII e XIX, a aparição das mulheres no espaço público era restrita, pois não era conduta adequada às mulheres frequentar os espaços públicos; ficavam, assim, confinadas ao espaço doméstico. Por essa ociosidade feminina, um corpo com sobrepeso era então frequente e natural. Gilberto Freyre (2000) refere-se às mulheres da elite brasileira como brancas, gordas, ociosas, envelhecidas precocemente e que apenas em ocasiões importantes saíam de casa. Segundo Maria Odila Dias (1995), na época colonial brasileira, apenas as mulheres pobres e escravas eram vistas perambulando na cidade, isso porque precisavam ganhar seu sustento vendendo quitandas, prestando pequenos serviços a fábricas e lavando roupas.

Durante a gestação, as aparições públicas tornavam-se ainda mais raras. Como, aliás, destacado no documentário *The Royals*¹² pela escritora e jornalista Anne de Courey, na

11 Na matéria do *New York Post* “*Mommyrexia takes Manhattan*”, são mostrados os períodos curtos nos quais algumas celebridades voltaram à mesma forma física anterior logo após o parto: “[...] celebrities like reality TV star Bethenny Frankel, who lost 30 pounds within a month of delivering a baby girl last year. Rachel Zoe barely produced a bump before giving birth to a boy in March, while Ivanka Trump posed in a Playboy bunny outfit for Harper’s Bazaar last month (Trump is due in July). In the meantime, Victoria Beckham — due to give birth July 4 — is sporting a belly less pronounced than your average beer gut” (LEWAK, 2011).

12 Documentário *The Royals*, episódio 5, os bebês da realeza, disponível no Netflix.

família real britânica, era incomum ver as rainhas e princesas nesse “estado interessante”, especialmente antes da Segunda Guerra Mundial, porque as mulheres saíam pouco de casa. A princesa Diana foi a primeira a romper o espaço privado e exibir seu corpo grávido para o mundo. Maria Del Priore (2000) destaca que em meados do século, ter o corpo gordo não era um problema, era inclusive sinal de saúde, valorizado pela arte como se observa na pintura renascentista. O corpo magro era associado à fome e desnutrição das classes mais pobres. A sociedade brasileira valorizava mulheres com corpos arredondados, seios fartos e quadris largos. As práticas ascéticas para garantir esse tipo de corporeidade estavam relacionadas a tomar remédios e preparados caseiros para tornar o corpo feminino mais voluptuoso e aparentar saúde.

Historicamente, pode-se observar a mudança – da valorização do corpo curvilíneo para um corpo magro – associada às questões inerentes ao avanço da economia política e do capitalismo, em que se precisa de corpos ágeis e dóceis (FOUCAULT, 1987). Segundo Tânia Silva (2013), devido às necessidades de mão de obra da indústria e à urbanização do século XX, o espaço público também se tornou adequado para as mulheres e os discursos sociais e médicos começaram a desvalorizar a obesidade. Antes associado à saúde, o corpo obeso vai sendo visto, progressivamente, como menos produtivo, associado à lentidão e pouco apto ao trabalho. Assim, para atender à necessidade crescente de mão de obra, discursos valorizando o trabalho, incorporando a mulher ao mercado reconfiguraram o olhar sobre o corpo obeso. A gordura, o ócio e a lentidão dos corpos foram considerados defeito moral do indivíduo e prejudicial ao desenvolvimento do capital que demandava corpos dóceis e ágeis. Até mesmo o aparecimento da presença de heroínas na literatura romântica produziu um novo tipo de corpo que deveria ser adequado às mulheres, pois ter corpo com curvas e sobrepeso não era condizente com a delicadeza relacionada ao “sexo frágil” (SILVA, 2013, p.43).

Não se pode deixar de perceber que a corporeidade moderna se relaciona com a própria instauração do regime disciplinar e, mais tarde, com o biopoder. Como tratou Michel Foucault (1988), adequado a um projeto moderno de sociedade, o “poder sobre a vida” se estabeleceu primeiramente pela disciplina, centrando-se no corpo como máquina. O indivíduo foi disciplinado, teve suas habilidades potencializadas, suas inquietações silenciadas, visando que a docilidade e utilidade aumentassem, de maneira integrada aos sistemas econômicos para o corpo se tornar mais produtivo. Cabe destacar que os corpos disciplinados deveriam responder às ordens e a tipos de atividades para consolidar a docilidade corporal que configura as ações e as maneiras de refletir, em consonância com as necessidades capitalistas que demandavam força de trabalho: “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (...) aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo” (FOUCAULT, 1988, p. 165).

Não por acaso, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres foram incentivadas

a praticar esportes, graças a essa visão que desvalorizava os corpos gordos e precisava aumentar as forças produtivas. De lá para cá, porém, muito parece ter mudado. Em primeiro lugar, é possível notar um aprofundamento nesse processo de desvalorização do corpo gordo. No século XXI, o desprezo pela gordura é selado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que define a obesidade como doença crônica.¹³ De maneira gradual, vários discursos médicos e midiáticos ajudaram a desvincular o conceito de corpo magro à necessidade do trabalho para tornar-se atributo relacionado ao corpo belo. Essa valorização do corpo magro instaurou um culto ao corpo que deve direcionar todos os seus esforços na busca de um ideal imagético como o das grávidas *fitness*. Sem espaço para falhas e negligências, em todas as etapas da vida o corpo feminino deve estar submetido a rotinas de exercícios e dietas da boa forma, sendo, então, “digno” de visibilidade.

Não se trata, entretanto, de uma progressão, agora elevada em termos exponenciais. Entre os corpos dóceis das grávidas modernas e os corpos sarados das grávidas *fitness* há, no mínimo, um deslocamento. Os corpos dóceis e exercitados da disciplina podem, até, ser tão magros quanto os “sarados”, mas as práticas que os formataram foram outras; as práticas que os formatam hoje são cada vez menos disciplinares, mais dinâmicas, mais fluidas e permanentes; os corpos malhados são cada vez menos dóceis, embora não mais rebeldes. Nessa nova “demanda” social, o corpo grávido, além de magro, precisa ser constantemente dinâmico. Carol Buffara, por exemplo, grávida de 29 semanas de sua primeira filha, além de compartilhar as mudanças de seu corpo – crescimento da barriga e inchaços –, fala também, nas redes sociais, a respeito de uma luta própria e de comportamentos “indisciplinados”. Queixa-se, culpada, da “falta” de energia para ir malhar e lança ao seu público questões sobre as dificuldades físicas que vem enfrentando na gravidez.¹⁴

O constante desejo de praticar exercícios físicos na gravidez e a culpa, como a de Carol Buffara, de não estar mais tão dinâmica nesse período, assim como a luta para manter, durante a gestação, os regimes de boa forma, se adequam às exigências morais e corporais da sociedade contemporânea - se já houve momentos em que se considerava “aceitável” certa adiposidade, durante a gravidez, esse período se torna mais do que nunca uma fase da vida em que se deve vigiar sua organicidade. Todo esse investimento e bom “gerenciamento” da boa forma na gravidez evidenciam ideias de que na atualidade considerar uma gestação “bem-sucedida” não tem relação apenas com a saúde do bebê e da mãe, mas com um tipo de corpo esculpido que a grávida deve manter, especialmente, na forma de sua barriga, que deve permanecer chapada.

O final da gestação de Gabriela Zugliani – uma das donas de barriga de gravidez “tanquinho” e imagem que abre esse trabalho – foi coroado por uma cesariana. Em outubro de

13 WORLD HEALTH ORGANIZATION. Obesity and overweight. Disponível em <<http://bit.ly/18pCdAn>>. Acesso em 3 jan. 2017.

14 Publicação disponível em <<http://bit.ly/2168c0n>>. Acesso em 07 jan. 2016.

2015, devido à musculatura “extremamente fortalecida tanto do abdômen quanto do útero”,¹⁵ tornou-se inviável qualquer tentativa de parto normal. Segundo conta a seus seguidores, a demora do parto se dera exatamente em decorrência das condições de sua musculatura:

o meu primeiro filho esperei 42 semanas com o objetivo de esperar o parto normal mas como a placenta estava envelhecida, o líquido amniótico estava bem pouco e zero de dilatação, não havia nem como induzir. Ele constatou a rigidez da musculatura quando fui submetida a primeira cesárea. Hoje o parto foi mais demorado que os outros. Entrei no centro cirúrgico às 21h e saí as 23:40h. Só ouvia dos médicos que não havia nada de gordura e que a musculatura estava muito fibrada. O tom deles era que realmente estavam impressionados.¹⁶

Não há dúvidas de que todos nós somos incentivados a adotar estilos de vida adequadamente saudáveis para evitar o excesso de gordura. No caso das grávidas, a medicina atual recomenda uma boa forma física para concepção de uma criança com saúde e sem problemas de desenvolvimento (LUPTON, 1999). Entre as regulações do corpo grávido contemporâneo estão as atividades físicas, como não poderia deixar de ser, pelo menos desde 2002, quando o American College of Obstetricians and Gynecologists (Acog)¹⁷ reconheceu o exercício físico como prática segura, indicada para todas as gestantes saudáveis. Nascimento et al. (2014) sugerem que o exercício físico regular, da ordem de pelo menos 30 minutos por dia, promove a prevenção de doenças gestacionais como a diabetes. Se os exercícios são necessários e saudáveis para qualquer pessoa, os debates e pesquisas científicos acerca de seu limite na gestação são imprecisos. Se os resultados da boa forma são incentivados socialmente, às vezes suas práticas ganham ares extremos. Qual seria, então, o “limite saudável” para o exercício físico durante a gravidez?

De fato, a preocupação excessiva com o ganho de peso durante o período de gravidez parece ser o sintoma de uma cultura na qual estar grávida não é somente ter um bebê na barriga, mas, sim, ganhar o mínimo de peso durante a gravidez, a fim de voltar ao “normal” o mais rápido possível. O discurso do corpo ótimo subentende que a carne corpórea é uma obra inacabada e, por isso, pode sim sofrer alterações; aliás, isso é considerado normal. O casamento entre a ideia de um corpo falho e a eterna busca pelo padrão de beleza se alojou definitivamente no discurso sobre o corpo. Um (o corpo falho) é a falta e o outro (o padrão de beleza), seu suposto complemento que o aperfeiçoa continuamente.

Não por acaso, a realização de atividades físicas excessivas durante a gestação tem se tornado uma problemática médica. Estão sendo atualmente desenvolvidas pesquisas, sistemas médicos e novos mercados que visam administrar excessos: profissionais de saúde capacitados para acompanhar a preparação física de gestantes ou crianças. O

15 Publicação logo após o parto, disponível em <<http://bit.ly/1MlpdA2>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

16 Publicação logo após o parto, disponível em <<http://bit.ly/1MlpdA2>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

17 ACOG Committee Obstetric Practice. ACOG Committee opinion. Number 267, January 2002: exercise during pregnancy and the postpartum period. *Obstet Gynecol.*, 99 (1), p. 171-173, 2002.

imperativo da saúde então parece ter que ser incentivado e, na mesma medida, regulado.¹⁸ Empresas como a californiana Birthfit oferecem pacotes de acompanhamento para a grávida conquistar ou manter a boa forma na gravidez, com métodos apropriados e metas ousadas, mas sem “excessos”. A proposta da empresa possui quatro pilares – o treinamento funcional, a nutrição balanceada, a quiropraxia e o acompanhamento psicológico.¹⁹

Nas mídias sociais, as narrativas científicas sobre gravidez e boa forma se misturam a uma gama tão diversa de argumentos e “informações”, que o público já não sabe muito bem onde começam e terminam os estudos científicos. Não que isso, de fato, importe para o público, pois a materialidade de um corpo esculpido é “prova” suficiente de sucesso. De qualquer maneira se trata de suspender tais discursos e, a partir disso, pensar o próprio conceito de saúde e, por fim, os sentidos que os cuidados com o corpo grávido têm adquirido atualmente. Com efeito, as imagens das práticas e dos discursos disseminados por Falconi, Zugliani e Buffara evidenciam que as atuais formas de sociabilidade e valorização moral estão agora no âmbito de uma biossociabilidade, como proposto por Rabinow (1999). Segundo esse autor, a moralidade do indivíduo e as formas de sociabilidade dos dias de hoje estão centradas nessa performance corporal, diferente da referente à Modernidade, cujos critérios se centravam na raça, na política, no poder econômico e na afinidade.

Na atualidade, as formas de sociabilidade e a valorização moral centradas no corpo são integradas aos discursos da felicidade. Segundo João Freire Filho (2010, p. 65), a felicidade, na era da reprodutibilidade científica, tem como sua principal proclamadora a psicologia positiva, segundo a qual, para um indivíduo se tornar feliz, é necessário, basicamente, “a dedicação a um *programa* (levemente trabalhoso, porém jamais doloroso) de incorporação de práticas de condicionamento mental e de gestão emocional”, por meio da autoexploração, do autoconhecimento profundo e de soluções ou utopias psicofarmacológicas emergentes desde os anos 1990. Tal qual a psicologia positiva as figuram, as pessoas plenamente felizes, ou “cronicamente felizes”, são capazes de manter tudo sobre controle no sentido de que elas estão aptas a “administrarem bem o estresse, não se deixam abater, nunca desistem, sabem como se cuidar, adotam estilos de vida saudáveis, raramente adoecem, recuperam-se rapidamente” (FREIRE FILHO, 2010, p. 71), não incomodam os outros, pois, não falam sobre problemas, mas, sim, sobre suas metas e projetos de sucesso. Diante desse quadro, emergem cada vez mais técnicas motivacionais e de autoajuda para aconselhar indivíduos a alcançarem metas, o que parece próximo, se não semelhante, às operações discursivas realizadas pela mídia, pelas blogueiras *fitness* Falconi, Zugliani e Buffara, pela empresa Birthfit, bem como por aplicativos e *gadgets* que propõem a gestão sobre treinamento físico e ingestão nutricional.

A virtude contemporânea é a felicidade compulsória, sua moral: o gozo, o prazer.

18 Szymanski, LM; Satin, AJ. Strenuous exercise during pregnancy: is there a limit? *Am J Obstet Gynecol.*, 207(3), p. 179 e 1-6. Zavorsky, GS; Longo, LD. Exercise guidelines in pregnancy: new perspectives. *Sports Med.*, 41(5), p. 345-360, 2011.

19 Site da empresa Birthfit <<http://www.birthfit.com/>>.

E esse é um espólio do iluminismo, de sua receita de sucesso estabelecida pelo avanço científico, tecnológico e produtivo e pelo aumento da felicidade, segundo a qual também se fortaleceu uma lógica do consumo associado à busca de ser feliz²⁰. Em “A condição humana”, Hannah Arendt (2000) analisa o aumento da produtividade em decorrência da Revolução Industrial como fator de influência da transformação do trabalho em labor, quer dizer, do *homo faber* em *animal laborans*, e a mudança da produção de bens duráveis para o de objetos efêmeros e descartáveis. A velocidade acelerada da produção alterou não só o ritmo da fábrica, mas o da compra individual, o do desejo de consumir e também o desinvestimento cultural da ação política.

Diante desse quadro, Arendt verificou a emergência de um princípio moral encravado no valor simbólico dos objetos, o qual suplantou o valor estabelecido pela utilidade e pela necessidade concreta dos bens. Na visão da autora, foi a partir da Revolução Industrial que a felicidade passou a ser associada ao consumo de bens materiais, algo que somente poderiam crer “os mais necessitados e pobres” (ARENDR, 2000, p. 146), aqueles que viveram extrema privação física e cujo estado de prazer e ausência de dor estavam relacionados ao consumo de bens. Com a nova moral, o consumo de bens como benfeitor e anunciador da felicidade modifica a dinâmica da vida do *homo laborans*, suas horas vagas são gastas para consumir, de modo que “o consumo já não se restringe às necessidades da vida, mas ao contrário, visa principalmente às superfluidades da vida” (ARENDR, 2000, p. 146), pois seu critério de avaliação não é a utilidade e, sim, a “felicidade, isto é, a quantidade de dor e prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas” (ibid., p. 322)²¹. Na contemporaneidade, ninguém escapa ao imperativo da felicidade por meio do consumo, bem como nada está a salvo da objetificação operada pelo consumo.

Isso corrobora as noções contemporâneas acerca da moral do gozo e de insatisfação crônica que, segundo Jurandir Freire Costa (2005, p. 139), favorecem o assujeitamento do indivíduo a determinados códigos e regras de comportamentos capazes de torná-lo um “consumidor modelo”. Ao sempre se sentir insatisfeito, o indivíduo continuamente desejará consumir a fim de buscar o prazer. Nesse sentido, o prazer suscita o desejo e o desejo leva a ação²². A moral do prazer é, por conseguinte, também a da insatisfação, da busca constante

20 De acordo com Eduardo Giannetti (2002), a crença iluminista no processo civilizatório e científico como progresso estabeleceu um elo inabalável entre progresso e felicidade. Isso porque a visão de futuro iluminista estava atrelada à “noção de que os avanços da ciência, da técnica e da razão teriam o dom não só de melhorar as condições objetivas de vida, mas atenderiam aos anseios de felicidade, bem-estar subjetivo e realização existencial dos homens” (GIANNETTI, 2002, p. 30).

21 Difícil não questionar essa mudança a qual fez com que os menos necessitados se tornassem os mais necessitados. A observação atenta de Jurandir Freire Costa (2005, p.137) retoma essa problemática a fim de levantar um questionamento provocador que o trabalho de Arendt não explica, qual seja, “por que o indivíduo teria assumido as disposições emocionais dos ‘mais necessitados e pobres’, se não era este o seu caso?”, ou ainda “por que se conduzir como miserável quando se é opulento?”. Parece que a resposta para essa inquietação está justamente na mudança da moral e na introdução da desejabilidade, da satisfação e da felicidade como orientadoras da bússola do consumo de bens simbólicos.

22 Em “História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres”, a propósito da conduta sexual na época da experiência da *aphrodisia* helênica, Foucault afirma que ato, desejo e prazer eram associados. Eis a passagem: “o desejo leva ao ato, o ato que é ligado ao prazer, e o prazer que suscita o desejo” (FOUCAULT, 1984, p. 42).

por modelos, padrões e objetos efêmeros e fetichizados, cuja renovação acelerada é o que garante a própria reprodução da insatisfação e a busca incessante por ser feliz e ótimo. Não raro, os desprazeres ocasionados pela incessante insatisfação estabelecem uma condição de mal-estar e de desestabilização daquilo que se é. Ainda mais quando se precisa manter uma imagem pessoal de sujeito feliz, bem-sucedido e vencedor.

4 | CORPOS ESCULPIDOS E AS BOAS GESTORAS DE SI

A análise discursiva das imagens sobre a gestação *fitness* permite compreender os modos de ser e estar da mulher na contemporaneidade, segundo os quais ela é motivada a almejar uma boa forma na gravidez, naturalizando discursos de felicidade. Estilo de vida e adequação corpórea legitimados pelo olhar da alteridade, alcançados por meio do esforço individual. Quem conquista esta corporeidade torna-se exemplar nos modos com que “investem em si”. E por serem o modelo criam um grupo das “outras”, mulheres reais, que em meio aos assujeitamentos e às liberações constroem discursos de tolerância e diversidade corporal.

Dessa maneira, os discursos sobre obesidade, diabetes, colesterol alto e risco de doenças cardiovasculares permitem entender táticas que objetivam retirar o que há de orgânico no corpo, como controle de hormônios, precisão de taxas, manipulação de riscos, desprogramações, intervenções na fome e no sono, subterfúgios que inibem a vontade de comer e até mesmo a capacidade de engordar, com intuito de assegurar um bom “empresariamento” de si. Longe das pretensões espirituais, as práticas ascéticas atuais ganham novos significados, transformando-se, como avalia Elizabeth Ettorre (2009, p. 246), em um “ascetismo reprodutivo”. Decorrente de políticas públicas no combate a problemas de saúde agravados pelo sedentarismo e pela obesidade, a “ascese reprodutiva” não deve apenas regulamentar os tipos de alimentos que comem e bebem as gestantes, deve também assegurar que elas estejam consumindo os suplementos apropriados, evitando qualquer tipo de drogas, posicionando-se da maneira “correta” quando deitadas e deve garantir que estejam informadas acerca das tecnologias de desenvolvimento e testes fetais, pois, caso não cumpram esse dever moral, as penalidades do Estado podem incidir em seus corpos.

A expectativa do filho que está por vir é atravessada por uma profusão de discursos médicos que “asseguram” a saúde da criança que está para nascer. Assim como diversas práticas de consumo eternizam o período da gravidez e o momento do parto, as transformações do corpo feminino e a beleza de um certo tipo de corpo grávido são “congeladas” e materializadas em esculturas do corpo grávido em moldes de gesso e ensaios fotográficos que são verdadeiras obras de arte. Além das mídias sociais, ganham espaços de destaques nas casas das mães *fitness*, como a barriga de um dia antes do parto de Falconi que foi materializada em gesso e eternizada pelo trabalho da artista plástica

Soco Freire para ser uma escultura no quarto de sua filha.²³ Corpo esse que já era notório antes da gravidez, mas, por continuar “esculpido” na gestação, torna-se mais digno ainda de ser eternizado, além de admirado pelo olhar alheio, e insumo para se tornar obra de arte. Essa crescente visibilidade do interior do corpo está em consonância com esse movimento de construção das subjetividades contemporâneas que são engendradas no exterior, pois o que está na superfície dos corpos e das telas é a “verdade” sobre o indivíduo.

O corpo “perfeito”, alvo de admiração e reconhecido como exemplo de boa forma, parece constituir novo critério de méritos relacionados ao corpo. Assim, na atualidade, um corpo considerado belo e “saudável” confere ao indivíduo *status* de um bom “gestor de si”, de pessoa bem-sucedida e uma inspiração para os demais, o que torna o indivíduo digno de um molde de gesso, de eterna visibilidade e constante vigília de seus hábitos cotidianos. Um “bom” corpo, aliás, confere ao filho recém-nascido de “musas *fitness*” certa visibilidade, a ponto de seu nascimento e infância serem eternizados e acompanhados por um fã-clube.²⁴ Essa ideia de méritos fundados pelo corpo está intimamente relacionada com o conceito de biossociabilidade (BEZERRA, 2002, p.4) que esse novo tipo de sociabilidade valoriza e beneficia pessoas eficazes na “autovigilância biológica” e que gerenciem bem seu corpo, podendo ser percebidas como sujeito “responsável, confiável, dotado de vontade e autoestima”.

Como afirma Stéphane Malysse (2002), a mídia banalizou profundamente a ideia de que o corpo é moldável pela força de vontade, independente da classe social ou predisposição genética, como se, no Brasil, se o indivíduo souber cuidar de si, ele alcança o sucesso. As práticas e artifícios utilizados para esculpir esse corpo, no entanto, alteram e, muitas vezes, podem até prejudicar suas próprias funções biológicas. Como o caso das mães *fitness* e celebridades que não conseguem amamentar seus bebês e compartilham suas histórias para ajudar outras mulheres que também passam por isso. Os discursos das que não conseguem amamentar abrangem as frustrações e evidenciam as imperfeições dos corpos “perfeitos” que, embora “saudáveis”, exemplos de “boa forma”, assistidos por renomadas equipes médicas, tornaram-se não funcionais no âmbito biológico de “amamentar a cria”.²⁵ Os motivos expostos são diversos, mas no caso da Izabella Falconi, os especialistas afirmam que as diversas cirurgias nos seios e a inserção de próteses de silicone podem ter prejudicado o processo de lactação.²⁶

Aparecem, entretanto, contrapartidas à sociedade, em que um “corpo orgânico” (ou real), apesar de parecer adquirir ares de insucesso, emerge em discursos que visam valorizar a organicidade do corpo como um valor de verdade e “fora dos holofotes”. A neozelandesa Julie Bhosale, por exemplo, exibe as imagens de sua barriga até 14 semanas

23 Publicação de Falconi com a barriga-arte. Disponível em <<http://bit.ly/2koyv1X>>. Acesso em 7 fev. 2017.

24 A filha de Izabella Falconi, poucos dias após o nascimento, foi apresentada por um fã-clube no Instagram que produz conteúdo sobre a criança. Disponível em <https://instagram.com/fco_vicky/>.

25 Publicação de Falconi ao compartilhar suas dificuldades em amamentar sua filha recém-nascida. Disponível em <<http://bit.ly/20zN8gy>>. Acesso em 18 nov. 2015.

26 Publicação no Instagram <<http://bit.ly/1NvyFOt>>.

após a gestação, num texto intitulado “Meu corpo real pós-parto”.²⁷ Julie critica a maciça difusão de imagens de mulheres que deram à luz e “entraram em forma”, afirmando que, para a maioria das mulheres, o corpo muda muito, e, além de assustadores, podem ser “decepcionantes” os novos contornos que ele assume pós-parto. Ainda nesse sentido de valorizar um corpo “comum”, o perfil do Instagram @Loveyourlines incentiva que mulheres compartilhem seus corpos com marcas após a gestação, mostrando flacidez, as mudanças de cor na pele e as estrias, consideradas efeitos comuns da gravidez. Por mais que sejam consideradas marcas nesse corpo que deve ser inorgânico ou “efeitos colaterais da gestação”, propor esse debate pode evidenciar uma liberação corpórea nessa fase da vida culturalmente tão vigiada.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regime de práticas promovidas pelas grávidas *fitness*, que supõe exercícios, dietas específicas, volta-se para alcançar a imagem de uma suposta “evolução”, agora estritamente carnal – é ela que vai permitir, finalmente (embora fugaz), o alcance do “sucesso”. Não importa que, para evitar marcas e sobrepeso, seja necessário ultrapassar o sofrimento e padecer castigos (em caso de subversão dos regimes alimentares e físicos). Como afirma Falconi em um “antes e depois” da gravidez, “se tornar a melhor versão de si” vale a pena, afinal “ser gordo nos dias de hoje está associado a desleixo”, sinônimo de fracasso e de má gestão de si.²⁸ Já que um corpo esculpido três dias após o parto não parece o sonho de qualquer mulher, pelo menos para as subjetividades midiáticas da atualidade?

Não é de se admirar que suportar o período após a gestação torna-se um empreendimento no âmbito íntimo e mercadológico. No mapeamento de perfis e *hashtags* nas mídias sociais são mais de 15 milhões de publicações que refletem a busca, por parte de um grupo de mulheres, de um corpo esculpido, magro e sem sinais da gravidez recente. Trata-se de uma padronização dos cuidados de si; desenvolvimento de práticas do sujeito que marcam uma homogeneização dos modos como o sujeito contemporâneo se constitui.

Pensar nesse cenário das grávidas *fitness* torna explícito o fato de que os cuidados de si centram-se no corpo, especialmente na luta contra sua organicidade, mediada por disciplina sem pausas e práticas bioascéticas. Ser uma boa gestora de si, mantendo o corpo esculpido na gravidez, permite observar elementos performáticos e a reafirmação de padrões de beleza, pois, todas essas práticas e esses cuidados de si são essenciais para existir no mercado das aparências e ser sinônimo de sucesso. Essa constante busca de um corpo liso, sem marcas ou gordura corporal, são construções de uma visibilidade do corpo articulada em valores menos “orgânicos”, visando maior definição muscular e que

²⁷ Link da publicação do *blog*, disponível em <<http://bit.ly/1bDjRys>>.

²⁸ Publicação disponível em <<http://bit.ly/2kxzmym>>. Acesso em 10 jan. 2017.

corroboram uma série de serviços e produtos que fundamentais para esse estilo de vida.

Seguindo a lógica da moralidade contemporânea, o valor das mulheres parece ser medido em termos performáticos, cujos modelos são equalizados pelos critérios de juventude, beleza, magreza, saúde e, no limite, *fitness*. A subjetividade feminina desviante representa os riscos da existência contemporânea e a reprovação da alteridade. Já a subjetividade feminina considerada eficaz é aquela capaz de cuidar de si, de ser autônoma, responsável, apta a gerir-se e a vigiar-se de modo a evitar todo o tipo de insucesso pessoal. Essa moralização é parte da estrutura do duplo saber-poder incidido sobre os indivíduos, o qual normaliza o constante *to fit* performático, no sentido de promover o ajuste pessoal quase em níveis de perfeição.

A eterna insatisfação de si é modelada pelo ideário do ajuste frequente, um *modus operandi* típico do capitalismo neoliberal globalizante, cuja engrenagem mercadológica opera pela aceleração dos fluxos de consumo e pela obsolescência generalizada. A efemeridade do prazer, da experiência e dos bens simbólicos asseguram uma conjuntura de insatisfação permanente, atmosfera favorável para o disciplinamento do consumidor. No fluxo dessa corrente de realidade, os discursos midiáticos aproveitam-se da insatisfação constante da mulher contemporânea a fim de apresentar-lhe um rol de estratégias que promete lhe garantir uma boa forma.

Desse modo, assim como algumas mulheres consideram ser escolha pessoal agir dentro dos discursos de boa forma durante a gestação, outras se consideram livres quando conseguem resistir a esses discursos, pois percebem como aprisionamento o fato de esse corpo, para ser “adequado”, dever ser retalhado, modificado, gerenciado, seja por dias inteiros em jejum ou na academia. A oposição contra esses discursos não é fenômeno novo; a pílula anticoncepcional, por exemplo, foi um marco da liberação do corpo feminino, que poderia, então, vivenciar a sexualidade de outra maneira, tendo os afetos e desejos não cerceados pelo medo de uma gravidez indesejada. As mulheres têm encontrado maneiras de trabalhar contra os “discursos de contenção” ao longo da história, porém as estratégias de liberação hoje parecem cada vez mais difusas e pontuais, fluidas e cambiáveis. Podem incluir mulheres grávidas que procuram um aborto ou que vendem seus óvulos. Mulheres que buscam a “produção independente” por meio da doação de bancos de esperma e fertilização *in vitro*. Aquelas que, muitas vezes, os médicos buscam dissuadir de tentar o parto natural após já terem realizado uma cesariana. Todos esses sentidos e discursos relacionados ao corpo grávido e aos cuidados de si na gestação corroboram a percepção de que as grávidas estão sob a mira desse olhar multiforme, científico, moral e cultural.

AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) pelo auxílio financeiro essencial para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

CALAZANS, Fabíola. Cultura da mídia, corpo e subjetividades. In: FLAUSINO, Márcia Coelho (Org.). **Fashion Sapiens: o ser e o ser da moda**. Brasília: Casa das Musas, 2014, p. 85-103.

_____. **Seja ótima, seja feliz: discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT**. Brasília: UnB, 2013. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000. (Série Ponto Futuro).

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução Eliana Aguiar. São Paulo: Editora Record, 2004.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Trad. e org. Pedro F. Bendassoli. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

ETTORRE, Elizabeth. Prenatal genetic technologies and the social control of pregnant women: a review of the key issues. **Marriage & Family Review**, 2009.

FONSECA, Angélica F. **Sua melhor versão de si: os sentidos e as práticas da boa forma na contemporaneidade**. Brasília: UnB, 2017. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2013.

_____. Práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade: imagens da gestação e o corpo grávido. Apresentado no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, realizado em Rio de Janeiro e 5 a 9 de setembro. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 2016. Disponível em <<http://bit.ly/2IZO3L9>>. Acesso em 7 dez. 2016.

FONSECA, Angélica F.; SANZ, Cláudia L. Tal mãe, tal filha: famílias *fitness* e os empresários de si mesmos no contexto da “boa forma”. Apresentado no VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) - Crítica de Mídia, realizado em Curitiba e 28 de setembro a 01 de outubro **Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) - Crítica de Mídia**, p. 601-613, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica. Curso no Collège de France: 1978-1979**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (Org). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 49-104.

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRÁVIDA (episódio televisivo). **Superbonita**. GNT. Rio de Janeiro: Biondo Multimídia. Exibido às 22h de 13 de ago. 2012. (30 min.).

LEWAK, Doree. *Mommyrexia takes Manhattan*. **New York Post**. 13 jun. 2011. Disponível em: <http://www.nypost.com/p/entertainment/mommyrexia_takes_manhattan_WeNMJTfdU3rzXfNM506S9L>. Acesso em: 27 mar. 2013.

LUPTON, Deborah. Risk and the ontology of pregnant embodiment. In LUPTON, D. (Ed.). **Risk and sociocultural theory: New directions and perspectives**. New York: Cambridge UP, 1999, p. 59-85.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-137.

MOURA, Alessandra. **Uol Mulher**. 10 nov. 2011. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2011/11/10/tomando-celebridades-como-exemplo-gravidas-se-descuidam-por-obsessao-pela-magreza.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

NASCIMENTO, Simony et al. Recomendações para a prática de exercício físico na gravidez: uma revisão crítica da literatura. **Revista Brasileira de Ginecologia Obstétrica**, 36(9), p. 423-431, 2014.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

FONSECA, A. F. ; SANZ, Cláudia Linhares . Parto tagarela: do silêncio do quarto às voluntárias da visibilidade. In: Luiza Lusvardi; Luiza Beatriz Alvim; Genio Nascimento. (Org.). Cinema, representação e relações gênero.. 1ed.São Paulo: **E-Galáxia**, 2018, v. 1, p. 2795-3112.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2010, 195-212.

_____. **O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Uerj, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Tânia. O corpo feminino sob tirania na pós-modernidade. **Revista Unifamma**, Maringá, v.12, n.1, p.41-54, ago. 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicativos 89, 91, 92, 199, 211, 262, 295, 301, 302, 303, 304

Artes cênicas 4, 46, 47, 50, 52, 55, 56, 57, 58

Assédio 150, 155, 156, 157, 160

Audiência 6, 1, 2, 30, 118, 176, 216, 219, 221, 222, 225, 285

Autobiografia 35, 40, 45

C

Campinas 4, 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 179, 192, 203, 215, 315, 328

Campo político 6, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171

CD 7, 270, 271, 274, 275, 276, 277, 278, 281, 282

Censura 25, 183, 188, 189, 190, 192

Centro de convivência 1, 5

Chantagem 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171

Ciberespaço 34, 107, 108, 109, 112, 116, 118, 119, 164, 167, 168, 170, 171, 203, 215, 295, 296, 300, 301, 304, 305

Cliente 48, 110, 115, 135, 137, 219, 221, 242, 246

Comunicação 2, 3, 4, 1, 11, 12, 19, 20, 22, 23, 24, 28, 32, 33, 34, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 75, 82, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 144, 146, 147, 155, 156, 158, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 180, 181, 182, 184, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 197, 199, 201, 202, 203, 209, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 239, 240, 241, 242, 246, 247, 248, 252, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 283, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 313, 314, 315, 316, 317, 325, 328

Conscientização 155, 156, 158

Convergência digital 216

Corpo 4, 18, 148, 243, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 297, 300, 302

Cosplay 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105

Crossplay 5, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105

Cultura organizacional 4, 11, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22

D

Democracia 12, 133, 163, 164, 166, 170, 171, 185, 186, 189

Digitalização 7, 24, 108, 270, 271, 274

Divulgação 30, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 95, 149, 171, 186, 187, 188, 198, 301, 316, 324

Docugame 6, 193, 197, 200, 205, 211, 212, 214

F

Facebook 4, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 30, 31, 54, 55, 101, 103, 111, 112, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 134, 199, 211, 227, 228, 230, 233, 234, 235

Fan-page 1, 3

G

Gamificação 6, 200, 202, 205, 212, 213, 214

Gestão cultural 46, 48, 50, 55, 58

H

História cultural 7, 15, 239, 250

História do rádio 173, 175

Howard Becker 239, 240

I

Identidade 17, 22, 47, 49, 50, 53, 54, 55, 58, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 95, 113, 156, 167, 180, 182, 243, 246, 250, 318

Identidade cultural 75, 76, 86, 243, 246

Indústria jornalística 106, 108, 109, 112

inteligência artificial 7, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 291, 292

Interatividade 91, 95, 107, 134, 196, 197, 200, 201, 206, 210, 211, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 291, 303

Interface 22, 94, 133, 200, 201, 221, 286, 293, 295, 302

Internet 7, 2, 23, 24, 28, 29, 32, 33, 53, 72, 92, 97, 99, 100, 104, 106, 107, 108, 110, 120, 123, 124, 162, 167, 168, 171, 172, 195, 197, 198, 205, 206, 209, 211, 217, 218, 219, 226, 272, 296, 301, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314

Internet das coisas 7, 306, 307, 308, 310, 311, 312, 313

Intimidade 6, 56, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 309

J

Jornalismo 4, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 46, 47, 48, 55, 56, 57, 58, 94, 108, 112, 120, 122, 134, 143, 144, 145, 151, 183, 186, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 206, 209, 210, 212, 217, 283, 284, 285, 293

Jornalismo multimídia 193, 196, 210

Jornal o povo 143

L

Lean manufacturing 135
Liberdade de informação 184, 185, 187, 188, 189
Liberdade de informação 183
Liberdade de Informação 191
Linguagem Natural 227, 292, 293
Literacia de mídia 5, 89, 90, 91
Literacia em saúde 5, 89, 90, 91, 92

M

Memória 4, 5, 6, 9, 108, 173, 174, 175, 182, 282, 298
Mídia ninja 23, 25, 29, 30, 31, 32, 33
Modelo de negócio 106, 108, 109, 113, 114, 119, 120
Modelo de negócio 5, 106, 116, 120, 121
Mulher 5, 29, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 217, 252, 253, 254, 257, 259, 264, 266, 267, 268, 269, 320, 321, 322
Multiculturalismo 75, 76, 78, 80, 82, 84, 85, 86, 87
Música 7, 8, 37, 49, 50, 52, 56, 180, 194, 200, 212, 231, 250, 270, 289, 291, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305

N

Narrativa jornalística 193
Narrativas transmídia 306, 309, 314
Notícias 5, 7, 23, 26, 30, 33, 34, 106, 108, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 133, 146, 163, 164, 168, 170, 171, 174, 188, 199, 211, 217, 243, 254, 283, 284, 285, 288, 289, 291, 293

O

O Estado de S. Paulo 121, 122, 123, 128, 246
Organizações 3, 4, 11, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 46, 47, 51, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 164, 241
Out of home 216, 220

P

Panificadora 135, 139
Participação 3, 5, 1, 46, 106, 119, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 132, 133, 217, 240, 246, 303, 307

Pauta 29, 56, 143, 158, 165, 254, 322

Publicidade 7, 8, 2, 24, 25, 27, 46, 48, 54, 56, 112, 115, 118, 119, 155, 173, 185, 216, 219, 223, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 306, 307, 308, 311, 312, 313, 315, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 326, 327

Q

Quiz 283, 284, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293

R

Rádio regional 173, 182

Realidade aumentada 7, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 312

Realidade virtual 7, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 304, 305

Redes digitais 110, 296, 301

Religião 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 156, 174, 180

Restaurantes 6, 1, 4, 5, 111, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 235

Revista somtrês 7, 270

Riqueza intangível 106, 108, 110, 111, 112, 115, 117, 119

S

Six sigma 135, 142

Storytelling 7, 202, 214, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314

Subjetividades 252, 253, 258, 265, 266, 268, 300

T

Tecnologias digitais musicais 270, 301

Teorias do jornalismo 23, 31, 34

V





Vale do rio de lama 6, 195, 199, 202, 205, 207, 211, 214

Violência 5, 27, 30, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 157, 160, 162, 164, 165, 320, 321





W

Webdocumentário 193, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 209, 211, 212, 214.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO
.....
NAS CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO
.....

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br